

A TRANSITIVIDADE DE TEXTUALIDADES MBYÁ-GUARANI EM DOUGLAS DIEGUES E JOSELY VIANNA BAPTISTA¹

THE TRANSITIVITY OF MBYÁ-GUARANI TEXTUALITIES IN DOUGLAS
DIEGUES AND JOSELY VIANNA BAPTISTA

Débora Cota²

Resumo: O estudo se debruça sobre trabalhos que exploram de forma tradutória e poética “textualidades Mbyá-Guarani”: o livro *Roça Barroca* (2012) e o videopoema *Nada está fora do lugar* (2017), de Josely Vianna Baptista e *Kosmofonia Mbyá-Guarani*, audiobook de Guillermo Sequera e Douglas Diegues, que possui uma primeira edição publicada em 2006 e uma segunda em 2021. As obras apresentam traduções ao português de cantos da cultura Mbyá-Guarani, provenientes maiormente de comunidades do Paraguai. No entanto, a primeira se desdobra em uma segunda parte com poemas da autora/tradutora em diálogo com os cantos traduzidos e volta a aparecer, em parte, no videopoema no qual são exploradas sobreposições de sons, línguas e imagens. Já o *audiobook*, além de textos críticos de outros estudiosos e escritores sobre a cultura Mbyá-Guarani, apresenta áudios tanto dos cantos traduzidos como de outros sons fundamentais daquela cultura, como o de flauta, o de crianças brincando na água, etc. São trabalhos de grande complexidade e, neste estudo, eles são tomados como trabalhos transitivos. Mais especificamente, procura-se evidenciar como o trabalho desde as “textualidades Mbyá-Guarani” impõe certa transitividade, pensada como “etnopoesia”, como perspectiva “transcultural” e “translinguística” mas também, como o trânsito entre elementos fundamentais como poesia e música, oralidade e escrita. Desse modo, com estes trabalhos irrompem-se espaços antes inexistentes para estas fundamentais, mas pouco conhecidas “textualidades Mbyá-Guarani” e para os laços negligenciados entre Brasil e Paraguai.

Palavras-chave: textualidades guaranis; Josely Vianna Baptista; Douglas Diegues; relações Brasil-Paraguai.

¹ O trabalho foi apresentado nas *XV Jornadas Andinas de Literatura Latinoamericana*, Guatemala, através de participação *on line*. A pesquisa conta com o apoio da Pró-reitoria de Pós-Graduação da UNILA.

² Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil. Realizou Estágio Pós-doutoral em Literatura Espanhola e Hispano-americana na University of California/Berkeley,, Estados Unidos. Professora Adjunta da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5920-6896>. E-mail: deboracota.lit@gmail.com

Abstract: The study focuses on works that translate and poetically explore “Mbyá-Guarani textualities”: the book *Roça Barroca* (2012) and the videopoem *Nada é Fora do Lugar* (2017), by Josely Vianna Baptista and Kosmofonia Mbyá-Guarani, an audiobook by Guillermo Sequera and Douglas Diegues, whose first edition was published in 2006 and a second in 2021. The works present translations into Portuguese of songs from the Mbyá-Guarani culture, mostly from communities in Paraguay. However, the first unfolds into a second part with poems by the author/translator in dialogue with the translated songs and appears again, in part, in the video poem in which overlaps of sounds, languages and images are explored. The audiobook, in addition to critical texts by other scholars and writers on the Mbyá-Guarani culture, presents audios of both translated songs and other fundamental sounds of that culture, such as the flute, children playing in the water, etc. They are works of great complexity and, in this study, they are taken as transitive works. More specifically, it seeks to show how the work from the “Mbyá-Guarani textualities” imposes a certain transitivity, thought of as “ethnopoetry”, as a “transcultural” and “translingual” perspective, but also as the transit between fundamental elements such as poetry and music, orality and writing. In this way, with these works, spaces that previously did not exist for these fundamental but little known “Mbyá-Guarani textualities” and for the neglected ties between Brazil and Paraguay are erupted.

Keywords: Mbyá-Guarani textualities; Josely Vianna Baptista; Douglas Diegues; relações Brasil-Paraguai.

“A base do verdadeiro diálogo entre os povos está,
sem dúvida, no passado que eles compartilham,
bem como no futuro que sonham.
E esse passado inclui os antigos relatos
da terra os mitos e mistérios.”
Augusto Roa Bastos

1. TEXTUALIDADES MBYÁ-GUARANI

As culturas ameríndias são culturas que colocam em questão muitas fronteiras como a que estabelece a distância entre homem e natureza e até mesmo as fronteiras geográficas nacionais. Na região da tríplice fronteira Brasil, Paraguai e Argentina a presença dos guaranis chama a atenção para o compartilhamento de muitos aspectos culturais entre estes países uma vez que estas comunidades indígenas se espalham por estes territórios desde muito antes do estabelecimento das fronteiras entre eles. Os livros *Kosmofonia Mbyá-Guarani* (2021) e *Roça Barroca* surgem destes compartilhamentos e vivências

culturais entre estes países, mais especificamente, entre Brasil e Paraguai pois são de onde maiormente provém os materiais, as textualidades desde as quais são compostos e de onde provém seus autores.

*Kosmofonia Mbyá-Guarani*³ é um audiobook elaborado pelo antropólogo e etnomusicólogo paraguaio Guillermo Sequera e pelo escritor brasileiro Douglas Diegues. Possui uma primeira edição impressa (com o acompanhamento de um CD) publicada em 2006 e uma segunda em 2021, disponível *on line*. O livro expõe certa complexidade já que está composto por: traduções ao português de cantos da cultura Mbyá-Guarani; áudios tanto dos cantos traduzidos como de outros sons fundamentais daquela cultura, como o de flauta, o de crianças brincando na água, etc.; textos sobre a cultura Mbyá como o do poeta Manoel de Barros e de estudiosos como Sergio Medeiros, além dos textos do próprio Diegues em portunhol, de Sequera e de indígenas colaboradores. Entre os textos, o leitor pode encontrar retratos de indígenas e de seus instrumentos musicais, todos de autoria de Sequera.

Já *Roça Barroca* (2011), de Josely Vianna Baptista, além de transpor ao português cantos Mbyá-Guarani, se desdobra em uma segunda parte com poemas da autora em diálogo com os cantos traduzidos. Apresenta também textos de outros autores e da própria autora sobre os cantos e a cultura guarani. Além disso, se desdobra em um vídeo poema intitulado *Nada está fora do lugar*⁴, apresentado na FLIP em 2017, que expõe entre sobreposições de imagens da

³ A primeira edição da obra foi publicada em São Paulo pela Mendonça & Provazi Editores em 2006. A segunda edição utilizada neste trabalho está disponível *on line*, ou seja, é gratuito e o acompanha um pedido de donativo à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, www.apiboficial.org.

⁴ *Nada está fora do lugar* (2017): poemas, roteiro e pesquisa etnográfica de Josely Vianna Baptista; Direção e montagem de Yasmin Thayná; Trilha sonora de Waltel Branco; Acervo Mbyá-Guarani de som e imagem de Guillermo Sequera; Desenhos e roteiro de Francisco Faria; Direção musical e edição de som de Pedro Jerônimo Vaz de Faria e Jito Pereira; Versões e leituras: Chris Daniels (inglês), Cristino Bogado (guarani), Josely Vianna Baptista (português), e Reynaldo Jimenez (espanhol). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_lVc8iKhXSk. Acesso em 23 de agosto de 2022.

natureza e sons, passagens de *Roça Barroca* em português, espanhol, guarani e inglês.

Trata-se de trabalhos transitivos que ocorrem no limiar das culturas, das línguas e das artes ali implicadas, ou seja, das culturas, sobretudo, brasileira e paraguaia, indígena e não indígena, das textualidades escritas, orais e musicais, inclusive os sons da própria natureza, indissociáveis da cultura ameríndia, encontram-se neste trabalho. Assim, é também um trabalho no interstício de várias áreas de conhecimento como antropologia, literatura, tradução e música. Ou seja, pressupõe certa transitividade de seus elementos relacionada ao seu caráter multifacético e multissensorial e à sensibilidade no que diz respeito às relações culturais para além de suas fronteiras geográficas, linguísticas e artísticas.

Por outro lado, são trabalhos que se diferenciam das muitas literaturas indígenas brasileiras já que estão constituídos de materiais originários da cultura Mbyá-Guarani, chamados aqui de “textualidades Mbyá-Guarani”⁵, apesar de seus autores/organizadores não serem indígenas. Assim, não são apenas obras que leem a cultura indígena desde a cultura não indígena mas, trazem para suas obras materiais primordiais da cultura guarani. Estes materiais são passados ao registro escrito, no caso das canções de *Kosmofonia*. São traduzidos. E desmembram-se em outros produtos, isto no caso específico de Josely Vianna Baptista.

⁵ A expressão “textualidades Mbyá-Guarani” é uma reelaboração da expressão “textualidades indígenas” utilizada por Claudia Neiva de Matos no capítulo Textualidades indígenas no Brasil, do livro *Conceitos de Literatura e Cultura*, organizado por Eurídice de Figueiredo, em sua segunda edição de 2010. Com este termo a autora se refere especialmente aos textos indígenas orais brasileiros, enquanto que as textualidades Mbyá-Guarani dizem respeito às “textualidades” da cultura Mbyá-Guarani, que compreendem também sons da natureza, além dos orais e dizem respeito tanto ao território brasileiro como ao paraguaio.

2. ETNOPOÉTICA

Nos dois trabalhos, há, para começar, uma perspectiva etnopoética. Eles procuram evidenciar a indissociabilidade entre a matéria da linguagem indígena e seus modos de vida e a poesia. Douglas Diegues no prefácio à *Kosmofonia* enumera várias formas de vida guarani e de associação com a natureza demonstrando como são arte, música e poesia:

El habla selvagem de Ñande Chy, la xamana que vivía en Isla Filomena, es un poema que comprova que los Mbyá-Guarani ainda non conocen, não conhecem, a linguagem poética, porque los Mbyá-Guarani nunca conocieron otro lenguaje que non fosse linguagem poética. (2021, p. 8).

Já em *Roça Barroca*, Josely Vianna Baptista em suas notas introdutórias à obra, chama a atenção para a poeticidade da língua guarani dizendo que:

Essa configuração constelada, em que a língua opera por um sistema de justaposição e síntese, e sua arquitetura imagética e rítmico-sonora conferem ao guarani uma alta potencialidade poética, realizada nos mitos cosmogônicos *mbyá*, repletos de “palavras-montagem”, assonâncias, paranomásias, ritmos icônicos, metáforas e onomatopeias – mimetizando o mito *mbyá* de que houve, no início dos tempos, um *ruído* portador da sabedoria da natureza, um *som* do cosmos se engendrando por meio da “linguagem fundadora”. (2011, p. 10).

Ao mesmo tempo, Luis Dolhnikoff afirma que o mito cosmogônico dos Mbyá-Guarani traduzido por Vianna Baptista “se trata de uma estranha e estranhamente bela narrativa poética sintética sobre personagens de sabor arquetípico, que evocam tanto o tempo profundo do mito quanto a profundidade sensível da floresta brasileira.” (Contracapa de *Roça Barroca*) Desse modo, se refere ao trabalho ali realizado como um trabalho de etnopoesia que, segundo ele, não pode ser lido senão como poesia.

Tanto em *Roça Barroca* como em *Kosmofonia* há um destaque para esta fusão entre palavra e poesia. Baptista (2011, p. 19) diz que: “Alma e palavra são inseparáveis para os Guarani: o universo mítico está intimamente ligado ao

universo poético.” Ou seja, nestas produções é inequívoco o entendimento de que cantos, mitos, sons dos quais elas partem são materiais literários.

Esta reivindicação do status literário às textualidades indígenas se junta ao, cada vez mais recorrente, questionamento em torno da ausência das textualidades indígenas entre o que se considera literatura. Devair Fiorotti e Pedro Mandagará na apresentação ao dossiê Contemporaneidades ameríndias (2018), da revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, esclarecem que esta ausência tem sido o caminho adotado pelos estudos de literatura em nosso país. Neste sentido, organizam uma importante discussão sobre a consideração das “artes verbais ameríndias” como literatura. O traçado considera a escolha da obra de Bob Dylan para o Prêmio Nobel de literatura por premiar um texto poético não livresco, mas também o fato de haver uma série de estilos de escritas reconhecidamente literárias comparáveis a textos ameríndios, como certos textos de Guimarães Rosa ou Manoel de Barros.

Neste sentido, *Roça Barroca* e *Kosmofonia Mbyá-Guarani* já antecipavam esta discussão ao recolherem estas artes verbais guaranis ou o que estamos chamando aqui de “textualidades Mbyá-Guarani” em livros, proporcionando a leitura/escuta deste material e reivindicando seu estatuto de literário. Os cantos sagrados recolhidos por Josely Vianna Baptista, assim como os cantos que aparecem em *Kosmofonía* são ainda entoados nas comunidades guaranis. Ainda que o primeiro tenha como fonte a publicação *Ayvu Rapyta* (1959) do antropólogo paraguaio Leon Cadogan, que recolhe os textos míticos dos Mbyá-Guarani do Guairá, no Paraguai e os traduz ao espanhol, um trabalho de campo no qual a autora pode ouvir os cantos entoados por um xamã guarani, também foi realizado. Já o segundo, no qual há a parceria de um escritor, Douglas Diegues, e de um etnomusicólogo, Guillermo Sequera, o material traduzido pelo escritor foi coletado pelo etnomusicólogo entre 1985 e 1990, em várias comunidades Mbyá no Paraguai e em Isla Filomena Grande, no Uruguai. São, portanto, trabalhos de etnopoiesia fundamentais já que tomam tais registros

como literatura/poesia e contribuem para o estabelecimento de um lugar para este tipo de registro poético.

Kosmofonía Mbyá-Guarani é um audiobook, ou seja, um livro em formato híbrido que proporciona a leitura e ao mesmo tempo a escuta de sons da cultura guarani. De acordo com Sequera, quem organizou o Acervo Mbyá-Guarani de Som e Imagens, há um conceito Mbyá de som:

Os animais podem cantar (purahéi), falar (ñe'e), emitir sons (ombota), bufar (ovuha), rugir (okôrôro), uivar (oguahu). A percepção parte do silêncio (kiririri), até o estrondo do raio (ara sunu). A representação social se manifesta em uma variedade de formas e técnicas; estas vinculadas a rituais, danças, corais, e a uma apropriação Mbyá da experiência intercultural. É justo falar de uma Kosmofonia Mbyá-Guarani – Um ordenamento cultural de sons. (2021, p.15).

Desse modo, encontram-se reunidos tanto cantigas em forma de coral, canto infantil, como sons de instrumentos como flauta e ravê, de animais como anuros e aves, como ainda de danças rituais e crianças sorrindo e brincando na água. Algumas vezes são os sons dos próprios insetos do lugar e do momento da gravação que complementam a música. Aqui, no entanto, estes materiais encontram-se em suas formas de pesquisa. Não há tanta elaboração formal das letras, sons e ritmos quanto, por exemplo, no vídeopoema *Nada está fora do lugar*. Nele os sons são também os do acervo de Guillermo Sequera mas, no vídeo há um roteiro elaborado por Francisco Faria, quem também possui desenhos que aparecem na gravação. Ou seja, ainda que o áudiolivro de Diegues e Sequera não possa ser visto apenas como um registro de materiais antropológicos pois estes também passaram por uma seleção e há, inclusive, inserção de fotos e outros textos na obra, sem falar da deliberada apresentação que reivindica o status de poesia aos materiais e a participação fundamental de Douglas Diegues na elaboração, os materiais em si não desencadearam novos textos. Em *Roça Barroca*, após a tradução de alguns dos cantos míticos, o livro

apresenta poemas em diálogo com os cantos e a cultura Mbyá. E em *Nada está fora do lugar*, textos sons e imagens recebem encadeamentos a partir de um roteiro. Eles compartilharão a tela com imagens, a tradução a outras línguas e com outros sons seguindo um roteiro pré-definido. Sofrem, portanto, uma intervenção maior do que a retirada do contexto e a conformação em um livro ou vídeo.

3. LITERATURA ORAL

Por outro lado, um outro aspecto relevante, fruto da transitividade das textualidades indígenas presentes nestas produções, diz respeito à sobreposição de linguagens, sons, imagens e escrita. Ainda que este aspecto remeta a trabalhos contemporâneos de expansão da literatura conforme discute Florencia Garramuño, neste caso, estão mais relacionados à natural transitividade entre poesia e música, à recuperação dos aspectos primevos da literatura nos quais se encontram a oralidade e a música. Em Aristóteles, a ideia de poesia já abrigava a oralidade pois concebia no centro de sua teoria a ideia de mimesis levada a cabo por vários meios, entre eles pelo uso da voz ou de instrumentos musicais. De outro modo, para a etnopoesia, de acordo com Jerome Rothenberg:

O ocidente perdeu muito tempo com a discussão sobre “o que é poesia”, sempre enxergando-a como um braço dos ensinamentos gregos. Com isto, foi esquecido algo simples e óbvio para qualquer pessoa interessada nessa camada sutil que paira sobre as coisas sobre a qual deram o nome, repito, de “poesia”: que a poesia pode estar em qualquer coisa ou lugar.” (2006).

É a esta onipresença da poesia e a um apelo a seu estado natural, oral e musical que apontam estes trabalhos com estas textualidades. E é contra o

esquecimento e, portanto, apagamento de poéticas, principalmente, aquelas provenientes de performances orais que se lançam estas produções.

A crítica tem chamado de poesia oral o canto, a declamação, assim como o canto de mitos de sociedades tradicionais ou as canções comerciais de contextos urbanos. De acordo com Ruth Finnegan: “interpretações iniciais da “poesia oral” (um quase sinônimo de canção) apresentaram-na como as evocações intocadas de povos imersos em alguma “cultura oral” primeva antes da intrusão letrada e logocêntrica do colonialismo.” (2008, p.17) Já Claudia Neiva (2004, p. 231) nos lembra da primazia da linguagem escrita sobre a oral, pressuposto que, segundo a autora, informou a visão dos colonizadores ocidentais a respeito dos povos indígenas associando sua suposta falta de linguagem verbal ao seu (suposto) estatuto não exatamente humano. É neste sentido que Finnegan também observa que:

[...] é a linguagem em sua forma escrita que é concebida como veículo de modernidade, racionalidade e como valor do intelecto. Nessa ideologia, ainda tão evidentemente predominante, a linguagem escrita (especialmente na forma alfabética) representa o grau máximo de humanidade. (2008, p. 20).

Se em *Roça Barroca* o registro se limita ao escrito, à escrita dos cantos míticos e sua tradução e à escrita de poemas em diálogo com estes cantos, o vídeo poema *Nada está fora do lugar* parece buscar esta necessária expressão da oralidade e do trabalho com outros sentidos quando são explorados materiais como os cantos míticos, “as textualidades guaranis” desde as quais também se constitui o livro *Roça Barroca*. O vídeo, por exemplo, prima por uma estética muito próxima ao “tudoaomesmotempoagora” do concretismo brasileiro, a simultaneidade, pois cria uma performance poética através das sobreposições de ideias, escrita, línguas, sons, tempos e imagens da cultura Mbyá-Guarani.

Já o livro *Kosmofonía Mbyá-Guarani* optou por um formato não convencional, o *audiobook*, para dar conta da performance oral implicada nas textualidades as registrando na forma escrita, as traduzindo ao português, mas também, proporcionando a sua escuta. O acesso aos sons dos instrumentos musicais, dos risos de crianças, de água ou de animais são anunciados nos registros escritos dos cantos, mas, seriam inacessíveis em um livro em formato tradicional.

De qualquer forma, todos são trabalhos que remetem ao plano oral porque performam os sons de corpos, os sons de elementos, criam lugares de emanção, abertura a vozes e sons inadaptáveis à retórica. E assim, permitem o acesso ao desconhecido e pouco explorado universo poético destas performances orais.

4. TRANSCULTURAÇÃO E TRANSLINGUISMO

A transitividade dos materiais em questão neste estudo ainda nos leva há um movimento “translinguístico” e “transcultural” nestas obras, relacionados a seus caracteres tradutórios e multilinguísticos. Considera-se tais noções, principalmente a partir da coletânea organizada por Ana Maria Lisboa de Mello e Antonio Andrade⁶, *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*, mas, já adianto que nesta obra a discussão entre o translinguismo e as poéticas ameríndias não é expressiva. A coletânea se centra em literaturas relacionadas, principalmente, a processos migratórios. Contudo, não deixa de considerar autores que escrevem a partir da experiência de diglossia dentro de seus próprios países e textos que mobilizam reflexões em torno do translinguismo a

⁶ Antonio Andrade possui um artigo na revista *Alea* número 24, de 2022 dedicado às “Viagens translingues nas poéticas de Sousândrade, Haroldo de Campos, Douglas Diegues e Josely Vianna Baptista”. Considera, portanto, ali o translinguismo destas obras que se movem entre línguas indígenas e não indígenas, ainda que não seja o foco de seu estudo.

partir das práticas de leitura e tradução. Sendo, portanto, possível aproximar as literaturas em questão neste trabalho a esta perspectiva teórica.

A transculturalidade, longe de sua perspectiva quase estrutural de absorção de procedimentos técnicos constitutivos de textualidades em contato e mais próxima à ideia de transitividade de uma cultura a outra quando em contato, está aqui pensada como forjadora destas obras. A principal justificativa é o fato de que elas são resultantes dos contatos entre culturas indígenas e não indígenas que levam a passagens de uma cultura a outra, como por exemplo, da oralidade ou da música à escrita, ao formato livro, sem hierarquias. E, podemos complementar, procurando não tomá-las como blocos estanques e completamente sem nenhuma relação, a não ser a estabelecida na criação.

Kosmofonia Mbya e Roça Barroca, além do vídeo poema *Nada está fora do lugar* são também trabalhos tradutórios preocupados em trazer à língua portuguesa algo da língua originária, no caso, do guarani. Nos dois livros, a tradução aparece ao lado dos cantos em língua guarani. Josely Vianna Baptista, apesar de conhecer o guarani também se pauta na tradução ao espanhol elaborada por Leon Cadogan e Douglas Diegues conta com a colaboração de dois falantes da língua guarani: Ramon Barboza e Keruchu Para, além de não deixar de utilizar do portunhol para escrever seus textos presentes no livro. Já no vídeopoema, além da tradução de alguns versos ao português, encontram-se passagens, como já foi anotado, em guarani, espanhol e inglês. Assim, a tradução não parece ter apenas o objetivo de propiciar a versão dos cantos desta cultura à língua portuguesa, mas, quer chamar a atenção para o translinguismo, esta convivência das línguas e para certo *continuum* que se estabelece entre estas culturas.

Há que esclarecer que o guarani é uma língua que possui diversas variações e convive com o espanhol no Paraguai mesmo que não seja a língua que detém o maior status: Bartomeu Meliá (2019) diz que: “El guarani es el

español del Paraguay. O sea, es una lengua indígena pero hablada por no indígenas que no quieren ser indígenas.” E, apesar de nunca ser lembrado, o guarani também é uma das línguas faladas no Brasil, ou seja, convive com o português nestas regiões nas quais vivem os guaranis. Além disso, espanhol e português convivem nesta região de fronteira.

Em *Nada está fora do lugar* a temática parece mesmo ser a do *continuum*. O vídeo está feito de sobreposições de imagens, de línguas e de sons, da escrita e da oralidade. Ao mesmo tempo que escuto versos em espanhol podem estar sendo apresentados os mesmos versos escritos na tela em português; ou ao mesmo tempo que são apresentados sons da natureza, são encadeados a eles música instrumental. Há também no conteúdo de certos versos do vídeo a perspectiva de transitividade natural entre elementos: “rios e abismos não demarcam fronteiras, são caminhos, diz um dos versos; “no céu as constelações se movem como águias, onças pintadas, pássaros nômades”, diz outro. Até o título remete à possibilidade de que tudo ali está relacionado: *Nada está fora do lugar*.

Ana Maria Lisboa afirma que em culturas em contato, como as envolvidas nos processos migratórios geram-se experiências transculturais significativas entre estrangeiros e nativos, implicando transformações e reconhecimento do Outro e neste processo “a cultura não pode mais ser vislumbrada dentro de um quadro unificante, homogêneo, delimitado, mas concebida em perspectiva relacional, que melhor dá conta do algo grau de permeabilidade e complexidade interna das culturas contemporâneas” (2019, p. 58). É dentro desta perspectiva que parecem se impor as “textualidades Mbyá-guarani” dentro das obras, ainda que aqui não estejamos falando de contextos migratórios e sim de convivência de culturas. As “textualidades Mbyá-Guarani” em questão expõem culturas em relação: sejam os elementos que configuram as obras, imagens, sons, escrita, seja os conteúdos sobre os quais tematizam, ainda que abriguem tensão, são

abordados por suas interações já que são obras que se situam no trânsito entre línguas, culturas e espaços geográficos distintos.

Tal transitividade não parece ser imposta a estes materiais e sim impostas a partir deles, porque é apresentada como essencial para entendê-los. Um dos exemplos, neste sentido, é o fato de que, o repertório musical dos Mbyá é considerado também em conjunto com o repertório jesuíta. Conforme explica Ludovic Pin no livro *Kosmofonía*:

Efectivamente, si los Mbyá conservaron instrumentos y eventualmente algunas estructuras sonoras de experiencia jesuita, no por ello haya que pensar que interpretan hoy en día el repertorio musical enseñado por los jesuitas. De esta experiencia, los Mbyá conservaron los elementos que han adoptado pero creando formas propias y originales. Así, las construcciones sonoras de los Mbyá iluminan y valorizan los intercambios culturales y es evidente que es esta compleja idea del intercambio sobre la cual hay que investigar hoy. (2021, p. 67).

É do mesmo modo que Josely Vianna Baptista chama a atenção, através de seus poemas na segunda parte de *Roça Barroca*, para o fato de que há que considerar a história da colonização, da violência da colonização para tratar da cultura ameríndia hoje, ou seja, há que considerar a história do contato cultural e suas consequências que afetam o bem estar desta população até o momento atual, para conhecê-la. Um dos poemas paradigmáticos de *Roça Barroca* diz:

NENHUM GESTO
SEM PASSADO
NENHUM ROSTO
SEM O OUTRO
(2011, p. 109).

Mais do que buscar uma totalidade, uma harmonia resultante dos contatos, ou uma essência das culturas em questão, os trabalhos parecem

primar para a consideração de um processo transcultural e translinguístico que aponta para a complexidade de suas constituições, de suas relações e convivências, para a sua transitividade. Tal processo, como se vê, além de pressupor este necessário diálogo com o outro, quer estabelecer a necessária recuperação da história, do passado e assim evitar silenciamentos.

5. TRANSITIVIDADE

Para terminar, neste estudo introdutório das importantes questões que evidenciam as textualidades Mbyá-Guarani nas obras estudadas procurou-se destacar a transitividade como traço organizador e definidor da constituição deles. Mas, entre as camadas que se pode acessar neste jogo transitivo entre não-literatura e literatura, oralidade, música, escrita, entre cultura indígena e não-indígena, entre Brasil e Paraguai e entre línguas distintas, as mais profundas são aquelas menos óbvias, que implicam a convivência e a irrupção de espaços antes inexistentes para estas fundamentais, mas pouco conhecidas “textualidades Mbyá-Guarani”. Provenientes desta região dos confins do país, por vezes, negligenciada, estas obras lançam-se também contra a cultura imunitária brasileira que ignora seus laços com os territórios vizinhos.

É neste sentido que a passagem de Augusto Roa Bastos (2011, p.20-21) utilizada como epígrafe deste texto pode guardar o fim último destas obras. Se a base do verdadeiro diálogo entre os povos está no passado que eles compartilham, nos antigos relatos da terra, nos mitos e mistérios, e no futuro que sonham, é a estes relatos entre sons, palavras e imagens, entre culturas e distintos territórios, que as obras aqui estudadas expõem diálogos, transitividades. Buscam assim, ocupar espaços inexistentes, cessar silêncios e compartilhar o futuro que sonham.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antonio. Viagens translíngues nas poéticas de Sousândrade, Haroldo de Campos, Douglas Diegues e Josely Vianna Baptista. *ALEA*. Rio de Janeiro, vol. 24/1, p. 187-202 | jan.-abr. 2022.

BAPTISTA, Josely Vianna. *Roça Barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BAPTISTA, Josely Vianna. *Nada está fora do lugar*. [Série: Fruto Estranho]. Paraty: Flip, 2017. 1 vídeo (13 min 37 seg). Publicado pelo canal Flip - Festa Literária Internacional de Paraty. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_lvc8ikhxsk. Acesso em: 3 set. 2022.

DIEGUES, Douglas. SEQUERA, Guillermo. (Org.) *Kosmofonía Mbyá-Guarani*. Campo Grande: Ed. Dos Autores, 2021. Disponível em: <https://erratica.com.br/kmg/>. Acesso em 23 de agosto de 2022.

GARRAMUÑO, Florencia. La literatura en un campo expansivo y la indisciplina del comparatismo. *Cadernos de estudos culturais*. Campo Grande, 2009, p. 101 – 111.

KAIMOTI, Ana Paula Macedo Cartapatti. O encontro entre os cantos mbya guarani e o poeta e tradutor Douglas Diegues: cantemos sempre belas palavras. In: *Anais Eletrônicos do XIV Congresso Internacional da ABRALIC*. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908042.pdf. Acesso em 30 de abril de 2022.

LISBOA, Ana Maria. Translinguismo e transculturalismo em Sergio Kokis. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. ANDRADE, Antonio. (Org.) *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019, p. 57-76.

MATOS, Cláudia Neiva de. Textualidades indígenas no Brasil. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FINNEGANS, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música, ou a performance? Trad. Fernanda Teixeira de Medeiros. In: MATOS, Cláudia Neiva de. TRAVASSOS, Elisabeth. MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. *Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

FIOROTTI, Devair & MANDAGARÁ, Pedro. Contemporaneidades ameríndias: diante da voz e da letra. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília: Jan.-Abr. de 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10258>. Acesso em 18 de setembro de 2022.

MELIÀ, Bartomeu. In: *PlanetaM: retrato imaginado*. Youtube, 28 agos, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JyVyoXu4lgE&t=327s>. Acesso em 16 de setembro de 2022.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. ANDRADE, Antonio. (Org.) *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

PIN, Ludovic. Ouvindo la música mbyá por primera vez. In: DIEGUES, Douglas. SEQUERA, Guillermo. (Org.) *Kosmofonía Mbyá-Guarani*. Campo Grande: Ed. Dos Autores, 2021, p. 64-67. Disponível em: <https://erratica.com.br/kmg/>. Acesso em 23 de agosto de 2022.

ROA BASTOS, Augusto. Catecismo da beleza. In: BAPTISTA, Josely Vianna. *Roça Barroca*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 17-21.

ROTHENBERG, Jerome. *Etnopoesia do milênio*. Trad. Luci Collin. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

Recebido em 19/09/2022.

Aceito em 17/11/2022.